

Um acontecimento singular

Flávio Aguiar

Tenho muitas preciosidades, em meu baú de guardados. De vez em quando solto uma, como as pombas do Raimundo Correia. Aqui está uma delas. Trata-se de uma carta, que me veio do espólio de notório diplomata. O referido era homem sistemático, e guardava seus papéis em pastas numeradas. Numa delas, junto com as notas de suas lembranças pessoais, havia grosso e grande envelope pardo, com o brasão do “Brazil”, assim com “z”, cousa do tempo do Império. Ali, entre muita correspondência ativa e passiva, estava esta carta por ele recebida. O pé do papel, onde constava a assinatura, está rasgado. Também a data, pois, como se sabe, alguns de nossos antigos patrícios a punham junto com seu nome, e não no cabeçalho. Mas acho que dá para ver quem é, e do que se trata.

Meu caro José da Costa

Saudações à dona Lúcia e seu pai, siá Dirce, dona Helena, a Patrícia e a Marcinha, nhá Aparecida, seu Vaz, Juliana, o doutor Faria, nhô Augusto, seu Melo, Eugênio, o bom Couto, o conselheiro Passos, o Graça, dona Marise, o Barretinho, também o doutor Roberto, o doutor Raposo, mestre Manuel, não se esqueça de cumprimentar seu fleugmático amigo, o João Feliz Filho, e também dom Alfredo, enfim todo esse grupo de amigos comuns que se fez tão íntimo de mim.

Tomei da pena na verdade para te contar algo de extraordinário que me sucedeu lá se vão uns bons vinte anos. Nunca me esqueci da ocorrência, mas sua lembrança agora se tornou quase obsessão.

Certa vez, estando a dar voltas em Botafogo, depois do expediente, abordou-me singular indivíduo. Trajava casaca preta à antiga, de lapela larga, e colete cinza. A elegância do corte fazia contraste com o puído da roupa. Era alto, magro, a tez devia ser morena, mas no momento tinha um aspecto de palidez assustadora. A cabeleira era comprida, encimada por um chapéu alto de seda lustrosa, e ladeavam as faces umas longas suíças. As calças eram brancas, e andava com uma bengala enorme, grossa, encastoada de prata no punho. Falou-me com uma voz grave, carregando nos erres e nos eles como fazem os de Espanha. Muito formal, pediu desculpas por estar a me interromper. Explicou que não era da Corte, e queria saber onde ficava uma Casa de Saúde, das de muito prestígio. O nome da Casa, caro Marcondes, não te direi qual é, e compreenderás o motivo. Chamemos de... “Casa Rosa”.

Um ar especial adornava o espírito e a presença desse homem; e me atraiu a curiosidade. Ao invés de explicar o trajeto, dispus-me a levá-lo até o destino. Ele aceitou com prazer. Pusemo-nos a andar. Percebi que por vezes seu olhar, quase sempre perscrutador e penetrante, mas translúcido, se punha meio turvo, voltado para dentro. Andava com passo solene: parecia um Conselheiro do Imperador.

Quis perguntar de onde vinha e o que fazia na Corte, mas ele não me deu muita oportunidade. Guardando o tom grave, pôs-se a falar do tempo, e disse ser este assunto da mais alta importância. Tinha um modo curioso de falar, como se exercesse algum império sobre a atmosfera. Declarou ser necessário cair uma forte chuva naquela noite, ou graves sucessos se passariam. Fiquei sem saber a que se referia, posto que de fato choveu.

Depois discorreu sobre livros, e sua importância para os governos, o nacional e os das províncias. Admirou-me seu bom senso na matéria, maior do que aquele de muitas das nossas autoridades.

De repente, entrou a comer amendoins, que tirava dos bolsos com pressa e sofreguidão. Perguntei se lhe apeteciam muito aquelas sementes. “Sim”, respondeu-me, “com cada uma engulo um pensamento em prosa.” O enigmático, o desacerto, e ao mesmo tempo a ironia do comentário acresceram meu interesse por aquele esquisito personagem que me aparecera pela frente.

Prosseguimos a marcha. Subitamente assumiu um ar sorumbático, e voltou-lhe o turvo ao olhar. Distraí-me com uma caleça de aluguel que passava em alta velocidade. Quando voltei ao nosso convívio, dei-me conta de que meu personagem falava, mas não comigo, nem com ninguém mais que por ali estivesse, pelo menos em carne e osso. Discorria sobre assuntos do Tesouro Nacional, e com veemência, embora tomado de um certo respeito na voz.

Consegui discernir que se dirigia a S. M. o Imperador. Por vezes a parolagem se detinha, como se escutasse o etéreo interlocutor, o que me fez pensar que Sua Majestade lhe contestava. Retomava a palavra, dando conselhos que me surpreendiam pelo bom senso, coisas de gastar somente o que se arrecada, mas buscar a democracia no crédito, tema então atual graças às aventuras bancárias do Sr. Barão de Mauá.

De repente, pediu licença ao nosso monarca, dizendo que precisava fazer uma consulta. Desandou a falar em francês, e depreendi que se dirigia ao Imperador da França, Napoleão III! Pedia-lhe conselhos sobre a administração do Brasil. Depois de ouvir atentamente, retrucou, num francês carregado de seus erros peculiares, agradecendo

os conselhos, mas recomendando ao novo Bonaparte favorecer o estipêndio do mestre-escola, não o deixando ao sabor das aventuras financeiras de seu governo. Confesso que o topete do tipo comoveu-me, pelo atrevimento de oferecer juízos a um notável das cortes de Europa.

Despediu-se com medidas de corpo e verbo. Voltou a entabular suas conversações com o nosso Imperador, reproduzindo o que entendera ouvir do francês. Após um curto diálogo disse adeus também cheio de formalidades e, de retorno à nossa rua, continuamos ambos a caminhar.

Perguntei-lhe se estava bem, e ele fez que sim, comentando que as caleças de aluguel precisavam ser disciplinadas em sua velocidade, pois punham em risco a segurança dos passantes. Causou-me espanto: demonstrava que, enquanto devaneava, de alguma forma permanecera atento ao nosso passeio.

Observou que as caleças da cidade onde morava agiam assim, e que tal despropósito se devia, como na Corte, a revoluções nos costumes. Mais e mais pessoas as chamavam para correr aos negócios, e também para se dirigir... a certos encontros secretos, com pessoas do sexo oposto. Isso quando não realizavam os encontros nas próprias caleças, com as cortinas fechadas!

Tudo isso me fez perguntar de onde tirara tal senso aguçado de observação, e tanto bom senso nos seus preceitos. “Ora”, disse-me, como se falasse de algo que eu devesse saber, “Jesus Cristo começou a pregar aos doze anos; eu comecei a trabalhar aos dez!” Daí perguntei, cautelosamente, se já conhecia Sua Majestade, o Imperador.

“É claro”, respondeu com a maior naturalidade do mundo. “Não só o conheço, como agora mesmo visitei-o, dando-lhe conselhos. Não reparou que era com ele que falava? E que depois também troquei algumas palavras com Sua Majestade Luís Napoleão?”

“Como isso foi possível”, falei, “posto que o senhor esteve sempre a meu lado?” “Ora, os corpos ficam”, disse-me, “mas as almas vão aonde querem. Pelo menos uma vez por semana visito Sua Majestade, e não raro vejo depois, pelos jornais, que seguiu meus conselhos à risca. Isso, naturalmente, quando o julga conveniente. Também Luís Napoleão segue meus conselhos, mas é mais raro. Imagino que seja difícil para um imperador francês admitir que se deva aconselhar com um professor de província, dos confins do Brasil!”

Vi seu sorriso pela primeira vez. Aquele rosto em geral vagava do grave ao triste, e do triste ao absorto. “Com que então”, observei, “é professor?” “Já fui mestre-escola”, disse-me, com ar taciturno. “E dos bons, digo-lhe, sem falsa modéstia. Eu deveras

estudava o que ensinava, ao contrário de muitos. Mas agora não sou mais. Já fui muitas coisas; agora só quero que me deixem cuidar de meus bens e de minhas filhas. Mas como é difícil! Assim que hoje sou um proprietário em dificuldades. Amanhã o que serei? Tipógrafo? Dono de armazém? Escritor afamado? Sabe-se lá. Hoje somos um; amanhã podemos ser outro. O senhor não concorda?”

Eu estava aturdido demais, caro amigo, para concordar ou discordar. Ele era alguém que o vulgo chama de “louco”. Mas o bom-tom que guardava, a fineza de suas maneiras, o requinte com que se dirigira aos imperadores da sua imaginação, tudo desmentia a idéia de uma loucura qualquer.

Então passou-lhe uma alteração extraordinária. Sua face mudou; entrou a transpirar, com a respiração acelerada. Apertava com força o cabo da bengala. Tremeu tanto que o chapéu quase lhe caiu da cabeça. Eu o olhava surpreso, com medo de que tivesse chegado o pior. Aquela compostura que demonstrara poderia ser apenas a máscara de alguma coisa terrível.

Foi quando notei a razão da mudança: uma dama passava, devo dizer que deveras bela, e ele a olhava com fixidez, com obsessão, pensando sabe-se lá o quê. Ela passou por nós sem nos olhar, soberana passante como sabem ser as mulheres cônscias da própria beleza. Parecia sequer ter notado a agitação de meu companheiro.

Depois que ela se foi, ele se acalmou. Passou a mão pela testa molhada. Ofereci meu lenço; ele agradeceu, tomou-o e secou as faces. Já respirava normalmente. Disse:

“Uma mulher considerada respeitada é a companheira divinizada, ou imagem que deve ser adorada. É criatura do Senhor, toda digna de amor e louvor”

E logo em seguida disse sem mudança no tom de voz:

“Todos devem ter comidas! E todos devem ter mulher, ou mulheres! O gozo ou a posse de um objeto não é incompatível com o gozo ou a posse do outro!”

Tentando me ajustar a esse estranho mundo, perguntei se uma frase não contradizia a outra. Mais uma vez ele sorriu, e disse num tom que me trouxe à lembrança o estilo das máximas do Marquês de Maricá:

“Tudo quanto me parece que pode ilustrar, digo!”

“Tudo mesmo?”, perguntei, não sem uma ponta de ironia.

“Não só digo”, continuou, “como escrevo! Enquanto alguns se entretêm em milhares de divertimentos, eu escrevo milhares de palavras que me vêm à imaginação! É uma espécie de compensação, o senhor entende?”

Disse-lhe que entendia sim, que às vezes me sucedia o mesmo e que se não me era dado ter solilóquios com Suas Majestades, pelo meu lado de vez em quando me punha a dialogar... com o futuro! Disse isso num tom de mofa, brincalhão. Mas ele me levou a sério, e apertando-me o braço com força, declarou:

“Vá escrevendo as verdades que for vendo! Faça como eu!”

Daí, em tom condoreiro, recitou, em plena via pública:

“A pena empunho
E com doce canto
Que faça espanto
Ao mundo inteiro
Cantar eu quero:

O meu tinteiro
O meu arreeiro
O meu torneiro
O meu cozinheiro
O meu sapateiro!”

De repente se pusera alegre. O tom grave ficara para trás. Saltitava, como se saltimbanco fora. Fazendo-me uma mesura galhofeira, declamou, estando em algum palco de sua imaginação:

“À meia noite...
Com lápis rombudo escrevo,
Por falta de um canivete!
Mas inda assim me diverte
Borrões que a fazer m’atrevo!”

Notei que uma das rimas que me recitara era rica e imperfeita, o que, convenhamos, é mais do que conseguem fazer muitos poetas de nossa terra. Não era, pois, de todo destituído de senso poético em seus versos de pé quebrado.

Anoitecia, e chegávamos... à “Casa Rosa”. Tomei-o pelo braço, ajudando-o a descer daquela ribalta do pensamento. Perguntei-lhe então o que viera fazer ali, naquela Casa de Saúde. Disse-me diretamente que tinha de se entender com certas vozes incômodas que ouvia, de manhã, de tarde e de noite. Ali o estavam ajudando. Mas sentia muita falta de ar fresco. Pela manhã conseguira se vestir e saíra despercebido, em meio às visitas. Precisava tomar ar, confidenciou-me. Precisara também atender...

“As naturais relações!”

Isto que disse foi quase gritado. Abotoando a casaca, acrescentou:

“Primeiro as relações, depois os botões. Pus em ordem gramatical: primeiro ponho em prática as naturais relações; e depois abotoo os botões!”

Tomou-me pelo braço, e disse, ao mesmo tempo em que ia comigo em direção à entrada da clínica:

“Que vejo?! Lindas jovens com lábios de cristal; outros que reluzem como prata; aqueles me parecem ouro; ali uns de brilhante. Mais alguns, duro diamante... bem poucos, grosseiro vidro. Está portanto completa essa assembléia. Bailemos!”

E foi assim, bailando estranho bailado, de mãos dadas, que adentramos o edifício, de onde já acorriam enfermeiros agitados. A eles meu parceiro se entregou sem qualquer resistência. Mas antes que o levassem para dentro, dirigiu-me a palavra pela última vez:

“Desculpe a impertinência, senhor. Não me apresentei. Meu nome de batismo foi José Joaquim de Campos Leão. Vivo na cidade de Porto Alegre, capital da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul, que muitos dizem ser parte do Império do Brasil. Mas o Campos Leão morreu alguns anos atrás, vítima de covarde ataque de ladrões que espancaram muito este pobre corpo, reanimado pela entrada nele de quem ora vos fala, um pecaminoso cônego que viveu por vez primeira no século passado, conhecido pela alcunha de Corpo-Santo. Este nome, escrevo-o com a letra Q, parte de uma reforma ortográfica que pretendo legar à língua pátria!”

Já o levavam pela porta dos internos. Não tive tempo de me apresentar ao amigo que fizera em tão pouco tempo. Fiquei na entrada, até um tempo depois me acorrer o próprio diretor da... “Casa Rosa”. Ao contrário do que seria comum esperar, era bastante jovem. Apresentamo-nos e ele me convidou a seu gabinete. Lá narrei o sucedido em sucintas palavras. Ele agradeceu muito ter trazido o paciente de volta. Explicou que se tratava de caso complicado, não pela doença, que não era rara, nem mesmo grave, mas

por envolver aspectos judiciais devido a processo de interdição movido pela esposa do interno. Havia pareceres a redigir e outros procedimentos da lei. Mas, confiou-me, e agora, José, entenderás por que não declino ainda hoje os nomes do médico e da Casa aqui nesta carta, confiou-me que estava convencido de nada adiantar esses correntes métodos de internação em casos como aquele. Disse-me indignado:

“Imagine que veio com algemas de sua terra e queriam manter esse pobre homem no hospício da Praia Vermelha! Foi o próprio doutor Torres Homem que o tirou de lá e mandou-o para cá, a suas expensas, mas desnecessariamente, pois nada aceitei como pagamento. É um caso que me interessa, pelas peculiaridades clínicas. Estou convencido de que o que pode curá-lo é muito mais o acompanhamento em liberdade, e a atividade produtiva, do que o confinamento forçado. Dizem que padece de monomania. São bobagens! Fica de vez em quando um pouco agitado, tem alucinações, mas nunca agrediu ninguém, e mantém diálogos espirituosos comigo e com os enfermeiros. Por isso, decidi fazer uma experiência singular. Fui eu mesmo à sua cela, dei-lhe roupas, dinheiro, e o deixei sair. É claro que o segui discretamente o tempo todo, depois também o senhor, e por isso devo lhe pedir desculpas. Mas o que fez ele, antes de encontrá-lo, e veja só, pedir-lhe que aqui viesse? Passeou, foi ver o mar, tomou profundas golfadas de ar, parecia amar o vento e apreciar o tempo, foi a uma confeitaria, comeu sequilhos, perguntou se havia mate, que, parece-me, é uma esquisita tisana que tomam lá na terra dele. Diante da negativa, não se alterou, pediu chá, e o tomou com uma elegância como não a teria nem mesmo um lorde inglês. Depois foi à porta de um lupanar, onde ficou bastante tempo hesitando se entrava ou não. Falava sozinho, é verdade, mas sem incomodar ninguém. Afinal, entrou; mas saiu logo, nem sei se teve tempo de... o senhor sabe. Foi então que o encontrou, em Botafogo, e, confirmando minhas esperanças, perguntou-lhe como chegar aqui. Garanto que amanhã estará melhor, e assim deverei lhe agradecer por sua involuntária colaboração na alta que logo pretendo dar a ele, o que, espero, o ajudará em seu processo”.

Despedimo-nos, e o médico gentilmente me ofereceu um carro para me levar até em casa. Embora já fosse começo de noite, agradei, mas recusei a oferta. Decidi fazer a pé pelo menos parte do caminho, para melhor meditar sobre tão estranhos acontecimentos e nas peculiaridades da mente humana, de cujos mistérios, como sabes de sobejo, também padeço.

Nunca relatei este encontro a ninguém, e se o faço agora nesta carta a ti dirigida é

porque a lembrança dele me tem obcecado, como disse lá no começo. É que finalmente tomei da pena para escrever um novo romance. E aquele homem está decididamente me inspirando na criação de meu personagem. Farei dele um mestre-escola, mas um mestre-escola de posses; também o farei vir da província, mas não daquela do sul, por necessidades de enredo. Será um, como direi, aluado. E lhe darei um nome, não o de Corpo-Santo, é claro, mas também esquisito: Rubião.

Como disse, aqui um rasgão interrompe o manuscrito que guardo em meu baú. Deviam se seguir despedidas de praxe e a assinatura, que se perdeu. O referido José, destinatário da carta, guardou-a entre seus papéis e pastas, que passaram por várias mãos e um dia adquiri num sebo.

Flávio Aguiar é professor de Literatura Brasileira da Universidade de São Paulo e autor de *A comédia nacional no Teatro de José de Alencar* [Ática, 1984], *A palavra no purgatório*. Literatura e cultura nos anos 70 [Boitempo Editorial, 1997], *Antologia de comédia de costumes* [Martins Fontes, 2003], entre outros, e do romance *Anita* [Boitempo, 1999], com que ganhou o prêmio Jabuti em 2000.